

A TRÍADE GÊNERO/TRABALHO/ESPORTE: OS PERCALÇOS “DELAS” NO TERRITÓRIO SERGIPANO

Andréia Reis Fontes¹
Marília Barbosa dos Santos²
Josefa de Lisboa Santos³
Wanubya Maria Menezes da Silva⁴
José Hunaldo Lima⁵

RESUMO

Ao longo da história, as mulheres lutam por espaço na sociedade. Os empecilhos enfrentados versam derrubar barreiras em inúmeras esferas, inclusive no trabalho, ainda mais quando se coloca em risco ameaçar ambientes historicamente masculinizados, tal qual o esportivo. Sendo assim, este estudo objetivou compreender a atuação feminina na cobertura esportiva do estado de Sergipe. A pesquisa contemplou o viés exploratório enquanto recurso metodológico, além do levantamento das mulheres ativas na cobertura esportiva no estado nos anos 2018 e 2025. Os resultados mostraram que o quantitativo de mulheres atuantes ainda é inexpressivo e as condições de trabalho apresentam enormes hiatos, visíveis na remuneração, no espaço concedido, no tempo, no preconceito e nos inúmeros desafios vivenciados no exercício da profissão.

Palavras-chave: Esporte, Mulher, Sergipe, Trabalho.

RESUMEN

A lo largo de la historia, las mujeres han luchado por su lugar en la sociedad. Los obstáculos que enfrentan implican romper barreras en innumerables ámbitos, incluido el laboral, especialmente cuando se arriesgan a amenazar entornos históricamente masculinizados, como el deportivo. Por lo tanto, este estudio tuvo como objetivo comprender la participación de las mujeres en la cobertura deportiva en el estado de Sergipe. La investigación utilizó un enfoque exploratorio como recurso metodológico, además de encuestar a mujeres activas en la cobertura deportiva en el estado entre 2018 y 2025. Los resultados mostraron que el número de mujeres que trabajan en la cobertura deportiva aún es insignificante, y las condiciones laborales presentan grandes brechas, visibles en la remuneración, el espacio asignado, el tiempo, los prejuicios y los numerosos desafíos que enfrenta la profesión.

Palabras clave: Deporte, Mujer, Sergipe, Trabajo.

¹ Doutora do Curso de Geografia da Universidade Federal de Sergipe - UFS, andreia.fontes@hotmail.com;

² Doutora do Curso de Desenvolvimento e Meio Ambiente da Universidade Federal de Sergipe - UFS, maryliabsantos@hotmail.com;

³ Doutora do Curso de Geografia da Universidade Federal de Sergipe – UFS, josefalisufs@hotmail.com;

⁴ Doutora do Curso de Geografia da Universidade Federal de Sergipe - UFS, wanubyasilva@gmail.com;

⁵ Doutor do Curso de Geografia da Universidade Federal de Sergipe - UFS, hunaldolima@hotmail.com.

INTRODUÇÃO

No decorrer do tempo a mulher lutou por direitos e por espaço na sociedade. Tal fato pode ser evidenciado na presença tímida e paulatina em eventos esportivos ou na participação em acontecimentos sociais, tudo de maneira discreta, demonstrando desigualdades grandiosas em relação aos direitos dos homens (Colling, 2004; Pfister, 2004).

A análise das relações sociais e trabalhistas sob o viés brasileiro permite identificar que a atuação feminina no trabalho e no direito ao voto remonta, somente, a meados do século XX, fomentado por diversos movimentos que eclodiram no mundo e influenciaram no país (Oliveira e Paixão, 2010).

Os percalços vivenciados pelas mulheres em todos os âmbitos da vida social se replicaram, com maior ênfase, na esfera dos esportes. A prática feminina, proibida por quatro décadas, também corroborou para que a cobertura esportiva ainda fosse uma aspiração distante por um longo período (Alexandrino, 2011).

As recentes aparições e conquistas do público feminino, no território brasileiro, reforçam um crescimento ainda tímido, mas que suscita melhores perspectivas para este grupo. Neste sentido, isto se replica diferentemente dentro das regiões e dos estados, se comportando de forma desigual no que diz respeito ao acesso e atuação na cobertura esportiva.

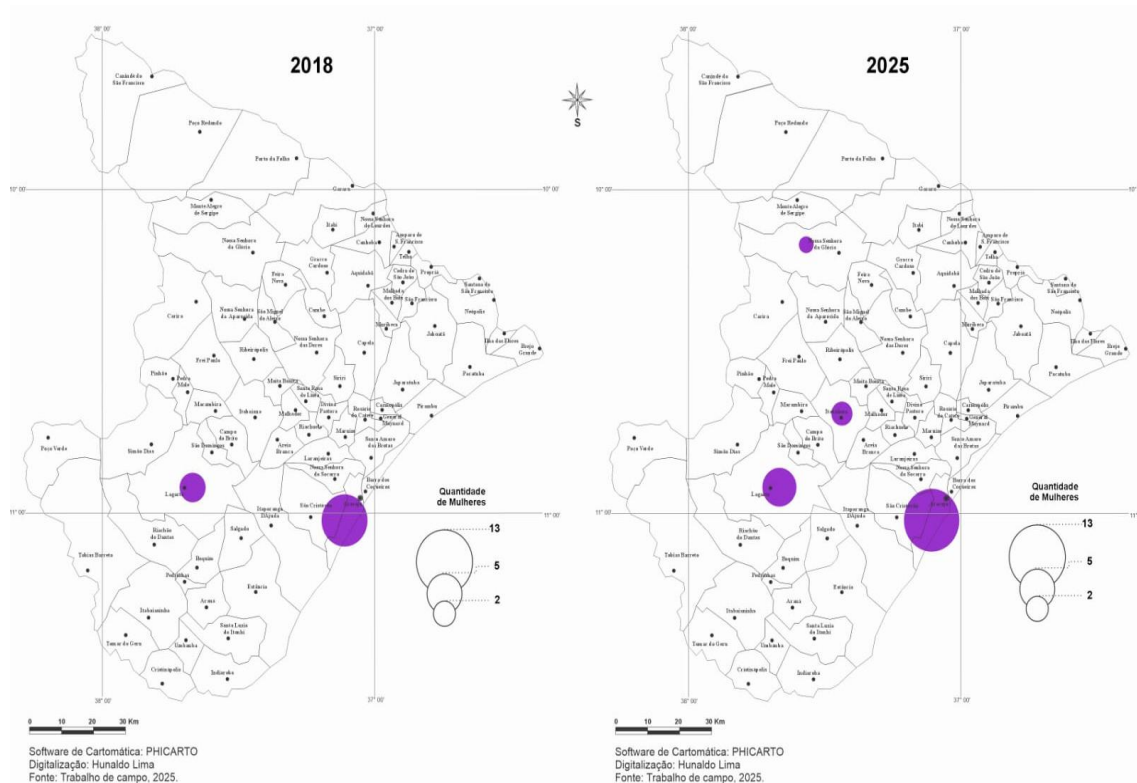
Sob essa ótica, o estudo em questão objetivou compreender a atuação feminina na cobertura esportiva do estado de Sergipe. A apreciação pela discussão reflete a relevância desse novo momento de protagonismo e avanço nas mais diferentes áreas, embora seja acompanhada de diversos desafios. Ainda que aparente um crescimento, repercute as diferentes formas preconceituosas e discriminatórias nos mais distintos espaços da vida social, até então comandados pelo universo masculino.

METODOLOGIA

O estudo, pautado numa pesquisa de cunho exploratório enquanto recurso metodológico, visou avaliar a variável de estudo, seus significados e a realidade atual na qual está inserida. As técnicas utilizadas corresponderam à realização de entrevistas individuais às mulheres envolvidas na cobertura esportiva no território sergipano, distribuídas pelos diferentes veículos de comunicação nos seus 75 municípios. O

mapeamento exigiu a consulta à Federação Sergipana de Futebol (FSF), à Associação dos Cronistas Desportivos de Sergipe (ACDS), bem como a diretores de times e demais envolvidos no esporte do estado, o que propiciou chegar ao quantitativo de onze mulheres trabalhando com esporte nos veículos locais, no ano de 2018, e de 21 no ano de 2025, conforme a Figura 1.

Figura 1 - Mulheres em atividade na cobertura esportiva sergipana



Fonte: Pesquisa de Campo.

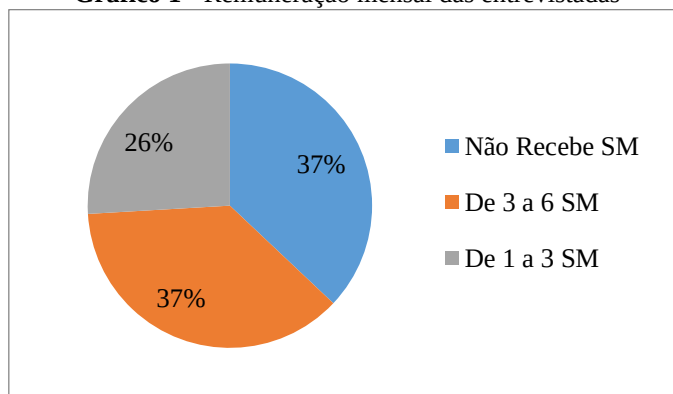
RESULTADOS E DISCUSSÃO

As entrevistas serviram de referência para uma análise mais complexa da condição feminina no mercado de trabalho sergipano, evidenciando um panorama com diferentes cenários no tocante à condição laboral das mulheres.

Em um dos quesitos questionados, 50% das entrevistadas reconheceram a expansão da área esportiva no estado e avaliaram de forma positiva, porém a outra metade advertiu para uma possível estagnação da área. Indagadas sobre as transformações na abertura do mercado esportivo para mulheres, a maioria das entrevistadas (62%) afirmou ter presenciado tais mudanças, visíveis em aspectos como o aumento do quantitativo na cobertura de esporte.

Sobre a remuneração mensal, 37% destas mulheres não receberam salário, isto é, atuam voluntariamente (Gráfico 1).

Gráfico 1 - Remuneração mensal das entrevistadas

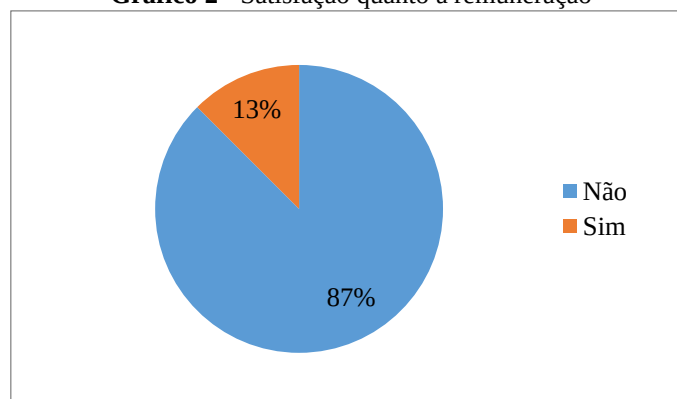


Fonte: Pesquisa de campo.

“No meu caso, eu trabalho de graça porque o dono da rádio não tem patrocínio. É muito difícil arrumar patrocínio para uma rádio, principalmente web, porque o povão não vai estar ouvindo o tempo todo, é um público segmentado” (E5). Uma das entrevistadas não remunerada afirmou que, além de amar o que faz, busca ganhar experiência para, posteriormente, conseguir inserção numa rádio comercial, pois dificilmente aceitam alguém inexperiente.

Questionadas se a remuneração recebida é satisfatória, 87% mostraram insatisfação com seus ganhos. Em contrapartida, 13% dessas mulheres veem com bons olhos o salário recebido – em geral, pertencentes ao meio televisivo (Gráfico 2).

Gráfico 2 - Satisfação quanto à remuneração



Fonte: Pesquisa de campo.

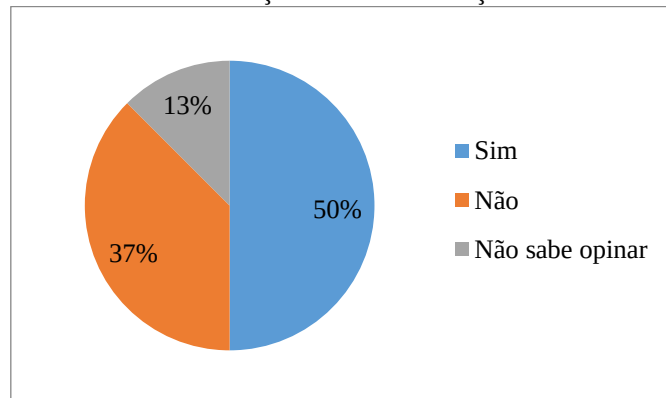
Segundo a E1, é necessário trabalhar muito para ganhar dignamente. “Em Sergipe, frequentemente, piso é visto como teto”. Outra opinião convergente partiu da E6: “Não

mesmo. [gargalhadas]. Seria se a gente fizesse só o que diz no contrato. Mas acaba não sendo, pois você não faz uma coisa só, você tem que ser mil”.

Eu trabalho porque eu gosto muito do que faço. Mas eu sei que vai chegar a hora que vou precisar fazer outra coisa. Ou faço duas coisas, uma que me dê remuneração e outro que é esse, que não me paga. Mas você tem que amar muito pra fazer sem receber. Eu já trabalhei de voluntária quando eu era mais nova e foi uma experiência, mas depois eu comecei a receber, então é como se fosse um período de experiência, uma hora você cansa e precisa mudar (E5).

Convidadas a opinar sobre distinções salariais em relação aos homens, metade das entrevistadas observam diferenças na remuneração (Gráfico 3).

Gráfico 3 - Diferenças salariais em relação aos homens



Fonte: Pesquisa de campo.

Segundo a E1, “Existe diferença, principalmente em relação à confiabilidade de cargos e, conseqüentemente, em relação aos salários”. Ainda, de acordo com a E6, a desigualdade tanto é no salário quanto na valorização do trabalho, no espaço e no tempo, que é muito mais evidente nos homens. Neste sentido, segundo dados da Fundação de Economia e Estatística do Rio Grande do Sul, a desigualdade salarial entre a mão de obra masculina e feminina é evidente, mesmo esta última tendo maior nível de escolaridade. As mulheres ganham em média 24,6% a menos que os homens, e, além disso, sofrem mais com o desemprego (Luz, 2015).

Questionadas sobre diferenças nas funções de trabalho, 62% não notam distinção alguma, 25% afirmam existir essa discrepância e 13% não sabem opinar. “Eu faço o mesmo trabalho que o homem faz, sou repórter de campo como homem, trabalho na mesma carga horária, não vejo diferença” (E4). Por outro lado, a E6 nota diferenças no exercício das funções. Segundo ela, o homem exerce funções consideradas mais importantes e para as mulheres são reservadas as funções de menos peso, exemplo disso

é o fato de não existir nenhuma narradora em Sergipe, o que poderia ser um indício de distinção nas funções da prática jornalística. “As mulheres tendem a receber salários menores e a ser excluídas dos cargos de maior prestígio e remuneração, conforme dados do Censo de 2010” (Abraji, 2017, p. 8).

Alguns aspectos lembrados que devem ser revistos para melhorar as condições de trabalho das profissionais do ramo esportivo compreendem um melhor reconhecimento, estrutura, valorização, maior quantitativo feminino e remuneração. “Por exemplo, eu sou repórter e preciso arranjar três patrocínios, se eu conseguir três eu ganho os três, senão fico sem nada. Então eu acho que precisa melhorar muito em relação à remuneração” (E5).

A administração do exercício laboral com os afazeres do lar, na família e nas demais relações não é tarefa fácil. As entrevistadas ressaltaram a dura jornada de conciliar tudo isso, deixando claro que é preciso exercitar e aprender a administrar a rotina, acordar mais cedo e dormir mais tarde, muitas vezes negligenciando o próprio eu (E1).

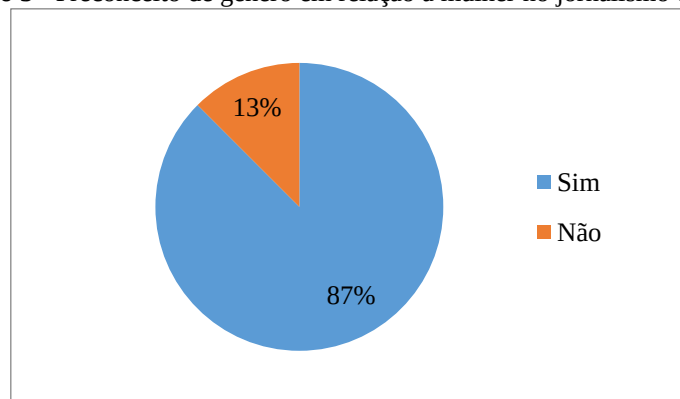
Tem horas que dá vontade de gritar e jogar tudo para o alto. [...] Eu acabei abrindo mão de muita coisa para viver minha profissão [...] Eu acabo deixando muito o pessoal de lado [...] Tem horas que dá uma pane, você quer desligar tudo, mas meia-hora depois você já volta e pensa que é isso que você quer [...] Eu tenho uma filha de quinze anos, mas ela mora com os meus pais, foi morar com eles quando tinha quatro anos, justamente por isso, porque eu trabalhava muito fora de casa e não tinha hora pra voltar (E4).

Uma entrevistada chamou muito a atenção nesse aspecto, inclusive porque, no dia da entrevista, estava acompanhada de seu bebê que, por diversas vezes, fez com que a conversa fosse pausada – por choros, gritos ou outras atitudes –, evidenciando que, para a mulher, é muito complicado conciliar o trabalho com as demais tarefas do dia a dia.

[Risos] A gente se vira em mil. Estou aqui, dando essa entrevista, mas eu tenho que trazer ele [referindo-se ao bebê], tem que estar comigo, pois eu trabalho à noite e o meu dia é pensado em torno dele. Se tiver que fazer algo sem ele eu tenho que administrar onde vai ficar e com quem. A gente acaba, enquanto mulher, mãe, vivendo uma jornada muito desigual nesse sentido, porque além de profissional a gente tem que ser mãe, dona de casa... Eu tenho ele e minha irmã e a responsabilidade de administrar a vida de nós três. Então é difícil. É dormir pouco, comer mal, viver pouco pra gente, mas conseguir gerenciar essa loucura que é a vida. A maternidade exige muito e, enquanto profissional, a gente precisa fazer escolhas também. Eu hoje poderia estar trabalhando em dois lugares, até três, mas tenho que abrir mão disso porque tenho ele, então ainda hoje recusei uma proposta muito boa de trabalho porque teria que dedicar mais uma parte do meu dia a trabalhar e eu não posso fazer isso, é difícil organizar tudo isso [entrevista interrompida pelo choro do bebê] (E6).

Uma das questões mais amplas de discussão diz respeito ao preconceito contra a mulher na cobertura esportiva. De acordo com 87% das profissionais, essa problemática é visível e evidente (Gráfico 5).

Gráfico 5 - Preconceito de gênero em relação à mulher no jornalismo esportivo



Fonte: Pesquisa de campo.

Conforme salienta a E1, “Há muita “gracinha” neste meio, por sermos mulheres”. A desigualdade notória entre o quantitativo masculino e o feminino na cobertura de esporte também é um dos indícios de discriminação. Segundo uma das entrevistadas, os maiores embates na profissão compreendem questões relacionadas ao machismo. Inúmeras vezes a figura feminina ainda é vista como apenas “um rostinho bonito” para elevar a audiência. “Acham que, por ser mulher, você não tem condições de cobrir um evento até tarde da noite, que é perigoso ou que não entende do assunto” (E3).

As pessoas acham que, porque você é mulher, não entende, principalmente de futebol. O que não é verdade, tem muitas que têm dominado o mercado, a gente vê grandes nomes, acho que o maior nome na atualidade, no jornalismo esportivo é a Fernanda Gentil e ela entende e domina, e temos outras: Cris, Glenda, Carol (E8).

O preconceito é reproduzido de diferentes maneiras. “Atribuição de estereótipos relacionados a ideias de fragilidade, sensibilidade excessiva, instabilidade emocional e incapacidade de lidar com determinados temas” (Abraji, 2017, p.14).

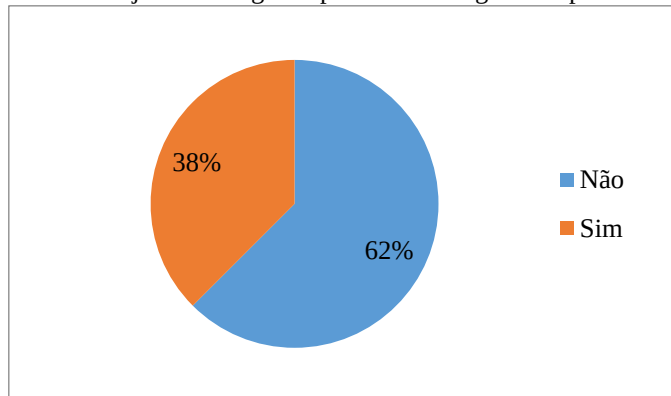
Mas há quem, embora reconheça a existência de preconceito no meio, defenda que há uma supervalorização do assunto. Conforme ressalta a E4:

Acho que caiu muito isso. Está tudo muito chato... Tem, mas caiu muito. Acho que não dá pra gente levar e nem pra gente falar “ah, é porque eu sou mulher que eu estou passando por isso”, se vitimizar, ser sempre o sexo frágil, eu acho que caiu muito. E que bom que caiu. Ah, aquela coisa que mulher vai pro

estádio e um psiu já ofende. Não, você sabe que vai levar um psiu, sabe que está com uma torcida, que futebol é um esporte masculino. Está mudando, beleza, que ótimo, mas é encarar, você está ali pra fazer o seu trabalho.

Questionadas se já sofreram algum tipo de constrangimento por ser mulher, seja na contratação, na demissão, na promoção ou no salário, 62% das mulheres já enfrentaram esse tipo de situação (Gráfico 6).

Gráfico 6 - Se já sofreu algum tipo de constrangimento por ser mulher

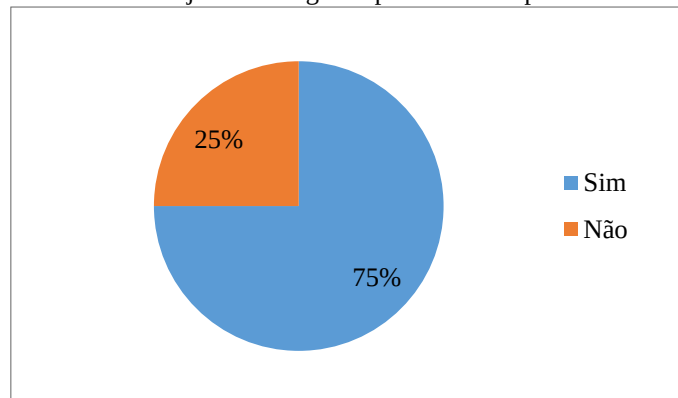


Fonte: Pesquisa de campo.

Os principais tipos de constrangimentos citados pelas profissionais envolvem cantadas e comentários desnecessários. Segundo a E6, a mulher não é vista pela sua capacidade profissional. “Recentemente aconteceu um caso que eu ouvi claramente que uma determinada pessoa foi contratada para uma certa vaga pela beleza, porque para atrair audiência para o futebol é preciso uma mulher bonita envolvida”. Outra fonte, embora não tenha sofrido diretamente algum constrangimento, já presenciou alguns casos. “Eu já ouvi um colega de trabalho dizer – ‘Está fazendo o que aqui? Tem que ficar em casa’ – com outra colega” (E8).

Há também a questão do assédio, geralmente por colegas de trabalho, torcedores e/ou público em geral, fato que, por si só, intimida e constrange. Sobre ter sofrido assédio por torcedores, 75% afirmaram conviver com essa situação, contra 25% que negaram (Gráfico 7).

Gráfico 7 - Se já sofreu algum tipo de assédio por torcedores

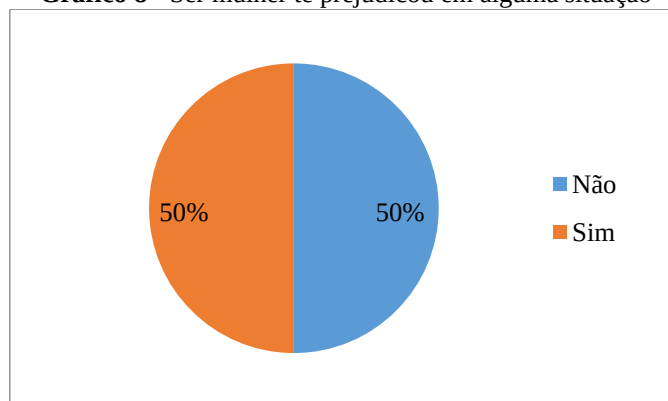


Fonte: Pesquisa de campo.

“Quem vive à beira do campo é impossível não ouvir. Escuta um ‘psiu’, um ‘gatinha’, um ‘ah, agora eu vou assistir’ porque tem uma gostosa aparecendo” (E6). “Por ser mulher, algumas fontes acham que a gente está dando mole” (E3). Acrescenta-se que, no exercício da profissão, 75% das entrevistadas também já sofreram assédio por colegas de profissão.

Em relação ao fato de ser mulher trazer prejuízos, metade das fontes considerou esse fato verídico. Acredita que, em algum momento, a questão do gênero influenciou na vida (Gráfico 8).

Gráfico 8 - Ser mulher te prejudicou em alguma situação



Fonte: Pesquisa de campo.

As respostas evidenciaram que a filosofia de uma sociedade machista faz com que esse tipo de situação aconteça. “Uma vez uma fonte me deu uma cantada e eu respondi seriamente que não gostei daquilo e que trabalhava na base do respeito. Devido a isso ele vetou a informação: parou de dar as informações que eu precisava para efetuar meu trabalho” (E3).

Isso acaba influenciando em vários aspectos. Segundo a E5, “Já teve jogador que não quis falar comigo, quando eu olhei para o lado ele estava falando com um repórter”.

Os estereótipos de gênero colaboram para produzir desigualdades nos arranjos institucionais no interior das organizações jornalísticas, influenciando as relações, determinando formas de divisão do trabalho e influenciando processos de ascensão profissional e econômica de forma prejudicial às mulheres e favorável aos homens (Abraji, 2017, p.14).

Outra questão discutida diz respeito à participação das mulheres nas partidas de maior relevância. “Nos jogos mais decisivos a gente não é convidada a participar, como final de campeonato. Até que no Sergipão eu participei, mas com pouquíssimo espaço para as inserções. É um jogo muito importante para que a gente fale alguma coisa” (E6).

Sobre já ter sofrido algum tipo de pressão para que não engravidem e/ou usufruam de licença-maternidade, todas as entrevistadas negaram tal prática diretamente, embora algumas tenham afirmado que existe uma pressão inata à temática, conforme salienta a E5:

Eu me boto essa pressão porque eu sei que, se isso acontece, se eu engravidar, for ter um filho, eu vou perder tudo o que eu conquistei até agora. Vou ter que começar do zero. Ninguém nunca me disse isso, mas eu penso assim, porque no campo é impossível estar grávida e ficar ali.

Outra fonte, que já é mãe, afirmou sentir essa pressão hoje, visto que já sabe os efeitos que isso pode trazer na profissão. A possibilidade da maternidade pode ter várias consequências sobre o âmbito profissional feminino. “Levá-las a abandonar o trabalho (provisoriamente ou em definitivo), induzi-las a reduzir o tempo de trabalho, fazê-las mudar de profissão ou de setor de atividade, refreá-las na progressão de suas carreiras e de seus salários” (Santos, 2012, p. 18).

Comparando proporcionalmente o quantitativo de homens e mulheres atuantes na cobertura esportiva, por veículo de comunicação, nos quais as entrevistadas fazem parte, ficou evidente a diferença entre os gêneros (Tabela 1).

Tabela 1 - Proporção entre homens e mulheres na cobertura esportiva sergipana

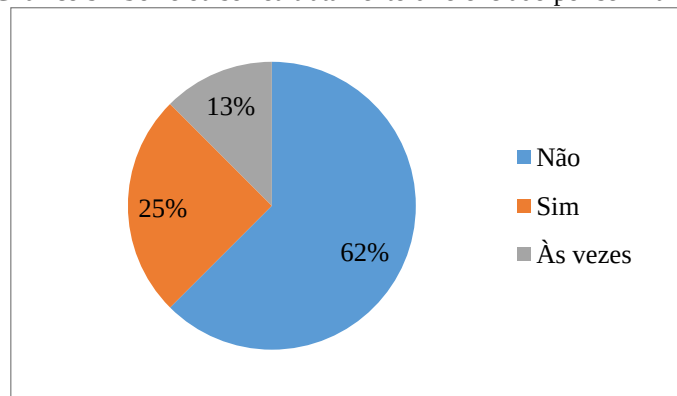
Entrevistada	Proporção homem x mulher
E1	6x2
E2	15x2
E3	14x1
E4	15x1
E5	4x1
E6	10x1
E7	3x1
E8	3x1

Fonte: Pesquisa de Campo.

Importante evidenciar que, quando se fala em cobertura esportiva em Sergipe, está diretamente relacionada ao futebol, esporte predominantemente masculino, que reflete também na proporcionalidade no mercado de trabalho, demonstrada na discrepância entre a participação feminina e masculina no exercício da prática jornalística.

Sobre existir tratamento diferenciado entre os colegas de profissão, 62% delas já notaram esse tipo de tratamento em algum momento (Gráfico 9).

Gráfico 9 - Sofre ou sofreu tratamento diferenciado por ser mulher



Fonte: Pesquisa de campo.

Uma das atitudes citadas diz respeito à cautela que os colegas têm, como evitar falar palavrões, ou até mesmo pedir perdão quando algo dessa natureza acontece.

Por exemplo, tem uma roda discutindo um assunto, às vezes você está ali ao lado, mas eles não te trazem pra roda, talvez por acharem que você não entende, mas na verdade, às vezes, tem até mais fontes que eles. Ou você está próxima e é ignorada como se fosse uma parede (E8).

A sociedade costuma atribuir ao público feminino o interesse por assuntos como moda e culinária. “Pensam que em um jornal, o lugar da mulher é em qualquer editoria, menos na de esportes” (Brasiliense, 2008, p.26).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os desafios corriqueiros das mulheres que atuam no esporte são evidenciados com facilidade. Diferentes formas de preconceito, espaço inexpressivo, questão salarial e/ou presença discreta nos veículos de comunicação são alguns dos vários entraves vivenciados. A pesquisa comprova que, no mercado de trabalho, as mulheres sofrem com desigualdade, tanto no âmbito do espaço quanto no tocante à remuneração. Além do mais, as profissionais tendem a ocupar postos mais voltados à reportagem, inexistentes em funções como a de narração.

Seguindo a lógica nordestina, observou-se uma presença ainda tímida no jornalismo esportivo de Sergipe, onde reina a supremacia masculina na cobertura local. Sendo o rádio o principal meio midiático na atividade jornalística de esportes no estado, este abarca o maior número de profissionais, que necessitam, cotidianamente, reafirmar sua potencialidade técnica para se manter num meio predominantemente masculino.

REFERÊNCIAS

ABRAJI. **Mulheres no jornalismo brasileiro**. Gênero e número, 2017.

ALEXANDRINO, Viviane Alexandrino. **A mulher no jornalismo esportivo**: Análise da participação feminina no telejornalismo brasileiro. 64 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo), Faculdade Cristo Rei; Cornélio Procópio, 2011.

BRASILIANSE, Carmen Nilce da Silva. **Mulher na cobertura de esportes**: um estudo sobre a razão da supremacia dos homens na Editoria de Esportes e o aumento da participação de mulheres na cobertura esportiva. 2008. Monografia (Graduação em Comunicação Social), Centro Universitário de Brasília: Brasília-DF.

COLLING, Ana Maria. Gênero e história. Um diálogo possível? **Contexto e educação**. Ijuí, vol. 19, n. 71-72, p.29 -43, jan./dez. 2004.

OLIVEIRA, Marina Fernandes de; PAIXÃO, Jairo Antônio da. Prática desportiva feminina: análise histórica de sua trajetória e implicações no âmbito das aulas de Educação Física escolar. **Revista Digital**, Buenos Aires, ano 14, n. 141, Fev. 2010.

PFISTER, Gerhard. **Os jogos mundiais femininos e a participação da mulher nos jogos olímpicos**. Rio de Janeiro: Gama Filho, 2004.

LUZ, Laura Becker da. **Em busca de espaço**: mulheres no jornalismo esportivo em rádio e televisão. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social), UFRGS: Porto Alegre-RS.

SANTOS, Vanessa de Araújo. **As bolas da vez:** a invasão das mulheres no jornalismo esportivo televisivo brasileiro. 2012. Monografia (Graduação em Comunicação Social), UniCEUB: Brasília-DF.